

Desigualdade no Brasil é a maior desde 2012, diz IBGE

Renda do trabalho da parcela 1% mais rica é quase 34 vezes o ganho dos 50% mais pobres

► O Brasil, que já é um dos 15 países mais desiguais do mundo, conseguiu ver a concentração de renda aumentar fortemente no ano passado, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra Domicílios Contínua (Pnad), divulgada ontem pelo IBGE. De 2017 para 2018, o rendimento médio mensal do 1% dos trabalhadores mais ricos subiu de R\$ 25.593 para R\$ 27.744, alta de 8,4%. Já entre os 5% mais pobres, caiu 3,2%, de R\$ 158 para R\$ 153. A pesquisa mostra também que a renda do trabalho dessa parcela mais rica foi 33,8 vezes o ganho dos 50% mais pobres (com renda média de R\$ 820).

— O aumento da desigualdade foi muito forte. A renda do trabalho nunca foi tão concentrada — diz Marcelo Neri, diretor da FGV Social.

O Sudeste convive com o maior abismo salarial. O 1% mais rico ganha o equivalente a

34,4 vezes a renda dos 50% mais pobres, que foi de R\$ 971, pouco acima do salário mínimo vigente em 2018, de R\$ 954.

Com isso, o Índice de Gini, que mede a concentração de renda (e quanto mais perto de 1, pior), subiu de 0,538 para 0,545, considerando todas as rendimentos das famílias — trabalho, aposentadorias, pensões, aluguéis, Bolsa Família e outros benefícios sociais. É o pior resultado desde 2012. Uma das razões para o aumento da desigualdade em 2018 foi o mercado de trabalho mais precário. Eram 35,42 milhões de pessoas na informalidade, maior número desde 2012.

— A população ocupada vem crescendo, mas essa ocupação vem da informalidade. Por isso percebemos esse aumento da desigualdade — afirma Maria Lucia Vieira, gerente da Pnad.

O barbeiro Marcelo Augusto,

de 28 anos, improvisou um salão de beleza a céu aberto, com mesa de plástico e guarda-sol no Largo da Carioca, no Centro do Rio. Palinha, como é conhecido, mora com os pais, dois irmãos e sobrinhos em Anchieta. Segundo ele, o preço dos produtos que usa aumentou em média 40%. Para driblar a crise, criou um perfil no Facebook

e passou a atender em outros locais. Pai de dois filhos, está cursando o ensino médio e espera ser o primeiro da família a concluir os estudos.

Apesar da crise, a parcela de lares atendidos pelo Bolsa Família diminuiu. Em 2014, 14,9% dos lares recebiam o benefício. Em 2018, a parcela caiu para 13,7%.



ROBERTO MOREYRA

Marcelo improvisa um salão de beleza a céu aberto, na Carioca

Mais na extrema pobreza

▶ A extrema pobreza aumentou no ano passado. Estudo do diretor da FGV Social Marcelo Neri mostra que 7,22% da população ganhavam cerca de R\$ 90 em 2018. A parcela era de 7% em 2017. São mais 600 mil pessoas nessa condição vulnerável, somando 15 milhões de pessoas.

Já a pobreza, medida por quem ganha R\$ 233 por mês, ficou estável de um ano para o outro, em 12,17%. Como a população aumentou, entraram na pobreza 200 mil pessoas. Hoje, são 25,3 milhões de pobres no Brasil. O melhor momento desse indicador social foi em 2014 (9,8%). Para voltarmos a esse patamar vai demorar, segundo Neri:

— Se o Brasil crescer 2,5%, sem que a desigualdade aumente, só em 2030 voltaremos ao mesmo patamar de pobres de 2014.

Segundo o economista, a medida do governo federal de dar uma décima terceira par-

cela aos que ganham Bolsa Família ajuda, mas é menos eficiente do que o reajuste do benefício e o impacto é de curto prazo. O pedreiro Francisco das Chagas Mendes, de Teresina, está sem emprego fixo desde 2017:

— O dinheiro sumiu. E a minha família é grande. Só Deus explica como garanto a sobrevivência de todos. ✕



O pedreiro Francisco Chagas